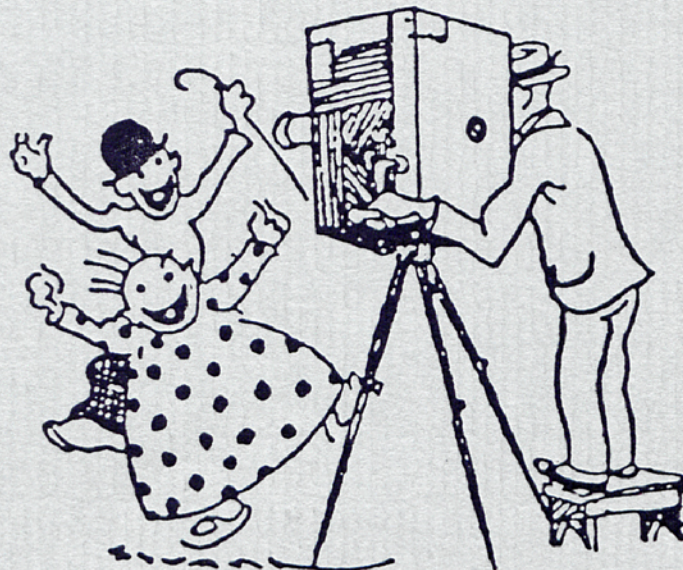


*O filme*  
**Quim e Manecas**



*Desenho de Hipólito Collomb.*



*Ilustração de Stuart.*

**António Dias de Deus**

Em 21 de Janeiro de 1915, no n.º 898 do semanário humorístico «O Século Cómico», tiveram início as aventuras do Quim e do Manecas. Pela primeira vez em Portugal surgiram «comics», tal como tinham sido criados e desenvolvidos nos jornais americanos: continuidade dos personagens, uso de balões, de onomatopeias, de calão, recurso a sinais cinéticos, sinais icónicos, metáforas. Toda a linguagem figurada que os cartoonistas americanos tinham inventado, era agora adoptada pelo mais genial caricaturista português do início de século — Stuart Carvalhais.

Não foi ele o criador das histórias aos quadrinhos portuguesas. Mas foi ele quem lhes deu uma linguagem moderna e dinâmica. Os seus heróis, Quim e Manecas, foram os primeiros heróis de papel do mundo infantil, em Portugal. A sua popularidade foi tanta que foram usados como reclame a produtos alimentares, inspirando ainda poemas, brinquedos, jogos e charadas. Outros desenhadores chegaram a apropriar-se das suas figuras, como Cottinelli Telmo, Jorge Barradas e Hipólito Collomb.

Quando Artur Emauz decidiu produzir o primeiro filme cómico português, em 1916, era natural que pensasse em transferir para a tela os dois mais notáveis e actuais figurantes da imaginação popular — o Quim e o Manecas. O fotógrafo e realizador, encarregado dessa tarefa, viria a ser o experimentado Ernesto de Albuquerque.

De nada valem as lamentações. Parece que o filme desapareceu. Nem sequer nos resta um fotograma. Quanto muito temos um certo número de fotografias (algumas desactualizadas em relação à época das filmagens) de alguns dos actores. Contudo, é possível reconstituir, de forma sumária, o argumento, bem como localizar no tempo as datas de projecção no cinema Colossal (Real Coliseu, da Rua da Palma).

Podemos recorrer a dois tipos de testemunhos:

- a) — Relatos contemporâneos;
- b) — Relatos posteriores.

Na alínea a) incluem-se as reportagens e os reclames publicados nos jornais e revistas da época — «Ilustração Portuguesa», «O Século», «Diário de Notícias», «O Mundo», «A Nação», «República», «A Lucta», «O Dia», «A Capital».

Na alínea b) temos: a biografia de Ernesto de Albuquerque, publicada no n.º 5 de «Cine-Jornal» (1917); os depoimentos de Stuart Carvalhais em «Kino» (1930) e na «Vida Mundial Ilustrada» (1943). Houve ainda outras referências posteriores, que mais não fizeram que repetir as informações da entrevista de «Kino», onde os erros, as omissões e as más interpretações abundam. Quase se pode dizer que os dados errados frutificaram, enquanto os registos directos ficaram esquecidos.

Vamos tentar reconstruir o argumento e historiar a feita e exibição do «Quim e Manecas».

Embora já tivesse aparecido uma referência, a 25 de Setembro, em «O Século Cómico», a primeira notícia sobre a próxima rodagem do filme surge na imprensa diária em 1 de Outubro de 1916. Os dois heróis do «O Século Cómico» declaram que o Laboratório de Fitas Portuguesas, onde se fizeram as fitas da Divisão de Tancos e dos Exercícios Navais, havia solicitado a permissão para cinematografar as suas proezas. Falam dos actores participantes, bem como da intervenção «do hábil operador sr. Albuquerque, cedido pela Empresa Internacional Cinematográfica («sic»), o qual assiste aos ensaios e combina as coisas com o regisseur».

Eis os trâmites da filmagem: No dia 7 de Outubro de 1916 a acção desenrolou-se em plena rua e nos jardins da Escola Politécnica. Achamos preferível transcrever, à letra, o relato:

«Logo de manhã cedo, dois automóveis, postos gentilmente à disposição da Companhia pelo sr. Emauz, gerente da Empresa Internacional de Cinematografia, começaram no seu vai-vem; um deles, buzinando ferozmente, veio acordar-nos a um sono de três horas apenas e levar-nos, como que num voo, ao Coliseu da Rua da Palma, onde se tirava o primeiro episódio da fita.

«Na rua, alguns guardas civís, sob as ordens do chefe Araújo e do cabo Guerra, afastavam a multidão dos curiosos, atraídos pelos cómicos e, principalmente, pelo «Quim» e «Manecas», que andavam numa roda viva, fora e dentro, dispendo as coisas, acertando a marcação do quadro a re-

presentar. O papel do primeiro miúdo era desempenhado por Armindo Coelho e o segundo por Hermínio Pereira, tendo como «regisseur» o actor Clímaco, que fazia também de polícia.

«Albuquerque, o operador da Empresa Internacional, focava a máquina, entretanto, e, a um dado sinal... começou a fita, cujo argumento mímico do actor Portugal, é, realmente, muito bem imaginado.

«Acabada a presumível sessão no Cinema Colossal, principia a sair o público e entre ele o «Manecas», todo «lord», fumando o seu cigarro. Atrás dele uma menina desempenada (a actriz Delfina), que vem sendo perseguida por um espectador (o actor Portugal). O «Manecas» faz a sua primeira partida e a rapariga foge aflita, o espectador enfia-se por um dos cartazes ali colocado, rasga-o e cai embrulhado nele.

«O porteiro do cinema (actor Mora), vem a sair e apanha em cheio uma bengalada do «Manecas». Há balbúrdia, surge o polícia, que é logo tombado, e o «Manecas» foge, perseguido pelo bufo, que corre... a fingir.

«A cena foi rápida e bem afinada, e o público, que enchia as imediações e as janelas dos prédios fronteiros, riu a bandeiras despregadas. O serviço da polícia cívica foi digno de elogio.

«Os automóveis puseram-se em marcha para o bairro Brás Simões, onde novos episódios se iam passar. Preparada a máquina cinematográfica, procedeu-se a um prévio ensaio dos artistas numa das ruas daquele bairro. Nada faltava, ou antes, algumas coisas faltavam, mas que ali mesmo se arranjaram. Toda a gente achava graça e... emprestava o que fosse preciso.

«Manecas» não quer ir para a escola, apesar dos esforços do pai (o caricaturista do «Século Cómico», Stuart Carvalhais). Consegue iludir o autor dos seus dias e, fazendo-se cego e coxo, pede esmola e arranja dinheiro para ir ao cinema. Seguem-se então novas peripécias cómicas, com o pai, com o «Manecas», com a polícia, há trambulhões, espadeirada, o diabo a quatro. Como a preparação da cena tivesse demorado bastante, todo o bairro se movimentou, acudindo ao local da fita imensa gente, que deu por bem empregado o tempo perdido.

«Depois de uma outra parte tirada com uma carroça de mão, e que igualmente despertou enorme hilaridade, os automóveis correram, com os artistas e nós com eles, em direcção ao jardim da Escola Politécnica, onde os principais episódios se iam desenrolar.

«Um deles foi tirado à entrada inferior do jardim, outro numa das alamedas e o final no lago. Nestes episódios tomou também parte a gentil actrizinha Guilhermina Paiva, que se houve à altura dos seus créditos.

«O actor Clímaco, o polícia, que foi incansável, diga-se a verdade, como de resto o foram todos os outros artistas, levou o seu amor ao «métier» até ao ponto de consentir que o lançassem da ponte à água, apesar de não saber nadar, e isto depois de, numa outra cena anterior, já ter ficado completamente encharcado, com o jacto duma agulheta de rega. O quadro foi presenciado por uma grande quantidade de pessoas, que admiraram o arrojo de Clímaco.

«Este foi imediatamente socorrido e tratado, tanto mais que se feriu na queda, e tudo debandou por fim. Estava pronta a fita.

«Resta-nos dizer que os iniciadores do filme cómico português encontraram muitos auxílios, não só da parte da Empresa Internacional e do proprietário do cinema Colossal, onde a fita se exhibirá, talvez na quinta-feira, em «matinée» para as crianças, mas também do «costumier» Castelo Branco, que forneceu o guarda-roupa, e do cabeleireiro Vitor Manuel, que mandou fazer algumas cabeleiras especiais só para este efeito».

Esta reportagem está assinada Napoleão Gonçalves e foi publicada no dia seguinte ao das filmagens.

Segundo os anúncios publicados nos jornais, o filme foi estreado no cinema Colossal numa quinta-feira, 12 de Outubro de 1916, acompanhado de outras fitas cómicas, em sessão de «matinée» — primeira sessão às 3 e segunda sessão às 5 («sic»).

Voltou a ser projectado no domingo, 15 de Outubro de 1916, também em «matinée» com duas sessões. Outros anúncios falam de espectáculos a 17, 19, 20, 24, 27, 28 e 29 de Outubro.

Vários jornais fizeram propaganda ao «Quim e Manecas»: «Diário de Notícias», «O Mundo», «A Capital», «O Dia», «A Nação», «República», «A Lucta». Nalguns deles surgiram também artigos elogiando a iniciativa de produzir o primeiro filme cómico português.

Resumindo, o «Quim e Manecas» foi rodado no dia 7 de Outubro de 1916 e estreado a 12, isto é, 5 dias depois. Manteve-se no cartaz, pelo menos até dia 29 de Outubro. Devia ter curta duração, possivelmente 10 ou 15 minutos, sendo sempre acompanhado por outros filmes, cómicos ou sérios; nalgumas vezes entraram também variedades, como fados e canções.

O papel de «Quim» era desempenhado por Armindo Coelho e o «Manecas» por Hermínio Pereira. Estes dois jovens actores pertenciam ao Teatro Estrela (à calçada da Estrela), onde, à data, actuava uma Companhia infantil — género de espectáculo muito em voga nessa época. Quando da estreia do «Quim e Manecas», no Teatro Estrela estava em cena uma opereta de costumes populares, intitulada «Intrigas no Bairro».

Outros actores foram José Clímaco (polícia) e Stuart Carvalhais (pai do «Manecas»). Na altura, qualquer deles já era bastante famoso (embora em géneros diferentes). A «actriz Delfina» — a menina desempenhada — deverá ser Delfina Victor, que teve uma carreira teatral bem conhecida. Quanto à outra menina, a actrízinha Guilhermina Paiva, tivemos conhecimento duma actriz com esse nome, e vimos uma fotografia sua numa revista de 1935.

Agora um pequeno apontamento: No jornal «O Mundo» vinha a referência de que iria ser projectada a 1.<sup>a</sup> Série das aventuras do «Quim e Manecas». Ficamos com a impressão de que estaria prevista a realização de mais filmes sobre o mesmo assunto.

Segundo a revista cinematográfica «Kino» teria sido feita uma reposição da película, em 1930, no Chantecler (posteriormente cinema Restauradores e, agora, casa comercial).

Vejamos agora as referências, de data posterior, naquilo em que discordam do relato feito na época.

Em 1930, num artigo de Rogério Perez na revista «Kino», intitulado «Como foi feita a primeira fita cómica portuguesa», atribui-se o papel de «Quim» a Octávio de Matos, o de «namorada do Quim» a Maria Ferreira. Quanto aos restantes papéis citados, conferem com a reportagem feita em 1916.

Em 25 de Fevereiro de 1943, no n.º 93 da «Vida Mundial Ilustrada», numa entrevista concedida a Manuela de Azevedo, o próprio Stuart declara que Octávio de Matos entrava no filme, sem precisar, contudo, qual o papel desempenhado. Deste modo, a participação exacta de Octávio de Matos fica ainda por esclarecer.

No que diz respeito ao aspecto dos actores no filme, podemos fazer alguma ideia, lendo duas pranchas de Stuart, relativas a ele, publicadas em «O Século Cómico». A primeira, de 25 de Setembro de 1916, chamava-se «Manecas as Charlot» e mostrava uma sequência em que o «Manecas» tinha um aspecto de Charlot, com bigodinho, chapéu de coco, «badine» e grandes botas. A segunda prancha, publicada a 16 de Outubro de 1916, parece corresponder a uma cena cinematográfica. Curiosamente, no fundo da prancha, anuncia-se: «Brevemente — Episódios do Quim e do Manecas no Écran». Porém, Stuart não viria a dar seguimento ao projecto e a historieta seguiu como antes.

Em relação ao aspecto dos figurantes «Quim» e «Manecas» no filme, este deveria estar mais de acordo com a ilustração desenhada por Hipólito Collomb, a acompanhar a notícia da estreia do espectáculo, na «Ilustração Portuguesa» de 16 de Outubro de 1916. Assim, o «Manecas» seria semelhante ao modelo de Stuart, mas o «Quim» teria compridas guedelhas sobre os ombros, o que não concordava com a versão original.

---

Nota — No «Jornal Ilustrado» n.º 39, de 16 de Novembro de 1916, há um diálogo humorístico com referência aos cartazes (de Stuart?) sobre «Quim e Manecas». Encontraram-se outras fotos de Guilhermina Paiva em «O Pagode» n.º 4, de 27 de Novembro de 1917; no n.º 6 desta revista há uma foto de José Clímaco, e no n.º 14 uma referência a «Quim e Manecas». Outra referência a «Kim e Manecas» existe em «A Gazeta dos Teatros» n.º 2, de 1 de Abril de 1923.



Stuart Carvalhais, pai do «Manecas» (anos 20).

Der é a base das melhores esperanças da humanidade.

**CINEMA COLOSSAL** Coliseu de Lisboa Rua da Palma

**HOJE** um grandioso espetáculo onde entra a fita dramática de grande êxito **Maldição Pa-terna** cujo entredo é largamente distribuído com os pro-gramas.

Fados, canções e músicas portuguesas.

A' manhã, domingo, «matinée» em duas sessões  
1.ª às 2 h 15 - 2.ª às 4 h 15 horas

Onde entra a fita comica portuguesa

**Quim e Manecas**

**LOTERIA DE LISBOA** hospital da Misericórdia, ficava ali internado, em estado grave

Reclamo publicado em «O Século» (14 de Outubro de 1916).

OS HEROES DO «SEculo COMIÇO»

O «Quim» e o «Manecas»  
atores cinematográficos

Entrevista com os dois endla-brados rapazes

Primeira noticia na imprensa diária, sobre a próxima produção do filme, em «O Século» (1 de Outubro de 1916), desenho de Stuart.



Delfina Victor em «A Scena» (1911).



Ilustração de Stuart para o artigo publicado em «Kino» (1930).



José Climaco visto por Tom, na «Ilustração» N.º 103 (1 de Abril de 1930).

**MANECAS AS CHARLOT**

O Laboratório de Cinematografia Portuguesa contratou os nossos famosos Quim e Manecas.

Damos hoje a publi co o primeiro ensaio dos novos actores, que brevemente se exhibirão no écran d'um dos nossos melhores cinemas.

- 1.—Para ser como o Charlot, não é preciso ser um bigodinho e uma badina de sacudir tapetes.
- 2.—Para provocar o riso, basta deixar cair a referida badina e apanhá-la com um pé no ar.
- 3.—X para ter ainda mais pilheria, pespe-se uma estampa, mas veja-se ao parceiro que lhe faça vêr se acredita no acto-diz.
- 4.—coza-se o nariz para dar tempo ao dito parceiro a preparar uma das engrandecidas brutalidades próprias do género.
- 5.—que é executada com todos as ganas na caixa do pagamento.
- 6.—e retribuída com infinita graça na caixa dos piro-litos.

Prancha de Stuart de «O Século Cómico» (25 de Setembro de 1916).